

A história oficial do MPLA conta que o partido foi fundado numa noite de 1956, por um pequeno grupo de patriotas reunidos num sobrado de Luanda. É uma mentira piedosa — uma entre tantas falsificações que deformam a história de um dos mais originais movimentos nacionalistas de África. Na realidade, o MPLA foi-se formando pouco a pouco e a sua sigla parece resultar de uma expressão com que o poeta Viriato da Cruz fecha uma carta enviada a Mário Pinto de Andrade, em Paris: «É necessário — dizia Viriato — criar um amplo movimento popular para a libertação de Angola». O movimento surge, já após o aparecimento público da UPA, de Holden Roberto, como resultado da unificação de pequenos grupos nacionalistas, entre os quais o Movimento para a Independência Nacional de Angola (MINA), o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUA), e o muito fugaz Partido Comunista de Angola (PCA).

Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, o cónego Manuel das Neves, Aníbal de Melo e Elídio Machado são nomes que estiveram no centro de toda esta febre nacionalista. Tinham em comum o facto de pertencerem à pequena burguesia urbana que prosperou entre o corredor Luanda-Malange, com uma longa tradição de mestiçagem cultural e biológica e que, desde meados do século XIX, vinha defendendo teses nacionalistas. Todos eles cresceram entre memórias, num pequeno mundo atormentado pelas ruínas de um passado onde os «filhos do país» se distinguiram na vida cultural, económica e mesmo política da colónia. Esta autêntica aristocracia crioula manteve ao longo dos séculos um difícil e complexo relacionamento com as populações camponesas de Angola. Homens como Viriato da Cruz e Mário de Andrade não foram capazes de assumir a sua origem sociocultural; confrontados com o pensamento africano nacionalista dos anos 50, muito marcado pelas teses da negritude de Leopold Senghor, e pelo discurso populista de Franz Fanon, ocultaram sempre a especificidade cultural da sociedade crioula em que foram gerados, apresentando-se a si próprios como africanos de origem rural. Esta mistificação foi denunciada por Holden Roberto, que afirmava não compreender como é que os filhos dos colonos podiam liderar um movimento de libertação. Também Jonas Savimbi confessou não ter aceite integrar o MPLA por este ser, no fim dos anos 50, um movimento controlado por brancos e mestiços: «Pode parecer racismo e não será certamente a forma como nós pensamos hoje, porque já aprendemos muito. Contudo, é um facto que era muito difícil, naquela altura, para os africanos, compreender porque é que os mestiços estavam a liderar um movimento de libertação contra os portugueses. Para nós não se tornava nada claro que os mestiços sofressem em Angola. Eles eram os privilegiados»<sup>1</sup>. Franz Fanon chegou a apoiar publicamente a FNLA contra o MPLA, por não acreditar que este último movimento tivesse capacidade para mobilizar as massas camponesas.

### **Aristocracia rural do Congo forma partido**

A FNLA surgiu em 1956 com o nome de União das Populações do Norte de Angola (UPNA). No ano anterior tinha falecido D. Pedro VII, rei do Congo, o que originou uma complicada disputa entre o poder colonial português e a aristocracia bakongo em torno da sucessão ao trono. E na intenção de fazer valer as suas posições que os monárquicos congolezes, com Barros Necaca à cabeça, decidem criar a UPNA. Holden Roberto, sobrinho de Necaca, é escolhido para liderar o grupo. Inteligente e ambicioso, Roberto percebe rapidamente que o ideal da restauração do reino do Congo, defendido pela UPNA, não tem viabilidade em pleno século XX, onde se confunde com o apelo étnico, e cria a União dos Povos de Angola (UPA). Em 1961, a UPA desencadeia uma vasta insurreição armada no norte de Angola. Nesse mesmo ano, com a intenção de se tornar mais abrangente, tenta algumas alianças com outros movimentos de exilados angolanos e transforma-se em FNLA. A UNITA foi criada em 1965 por um pequeno grupo de dissidentes da FNLA, que acusavam Holden Roberto de não conseguir ultrapassar o espírito tribalista que presidira à formação da frente. A cabeça desta dissidência estava Jonas Malheiro Savimbi, antigo ministro dos negócios estrangeiros do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE). Integravam o núcleo fundador da UNITA pessoas de diferentes etnias angolanas: José N'Dele e Miguel N'Zau Puna, de Cabinda, Smart Chata, tchoquê, Samwimbila ou o próprio Savimbi, ovimbundus do planalto central. Em comum tinham a origem rural; além disso, a maior parte eram jovens educados nas missões protestantes — quase todas americanas — com rígidos princípios morais e uma forte ligação ao universo tradicional africano.

Resumindo, podemos dizer que o MPLA se constituiu com base na burguesia crioula, a FNLA como representante da aristocracia rural do Congo e a UNITA a partir de jovens negros do interior de Angola com formação calvinista. Assim, na origem do moderno movimento nacionalista angolano não estão tanto as divergências ideológicas, mas sobretudo factores etno-culturais.

### **Guerra de libertação — guerra civil**

MPLA, FNLA e UNITA guerreiam-se com extrema violência durante os catorze anos que durou a guerra de libertação. Penso, na verdade, que a guerra civil em Angola teve início com o primeiro levantamento armado contra o poder colonial, em 15 de Março de 1961. Nesse dia, e durante as semanas seguintes, os homens da UPA não mataram apenas colonos portugueses; centenas de trabalhadores ovimbundus, e alguns mestiços, acusados de colaborarem com os colonos, foram também mortos.

Em 1974, os três movimentos são reconhecidos pelas autoridades de Lisboa como os únicos representantes legítimos do povo angolano e começam a tomar posições nas cidades. O MPLA, apoiado numa forte estrutura clandestina, domina facilmente Luanda. A UNITA declara o Huambo como

a sua capital e expande-se com rapidez. A FNLA, com um discurso anticomunista, obtém os favores de parte da alta burguesia colonial, mas é recebida com desconfiança por largos sectores da população, sobretudo nas zonas urbanas; muitos dos seus guerrilheiros apenas falam francês e lingala, a mais importante língua nacional do Zaire, e depressa se espalha a suspeita de que fazem parte do exército regular de Mobutu. O movimento de Holden Roberto consegue, no entanto, estabelecer uma aliança com Daniel Chipenda — um ovimbundu de Benguela, portanto, de formação crioula, líder de uma facção de guerrilha dissidente do MPLA, a Revolta do Leste — fortalecendo-se do ponto de vista militar.

Em 1976, graças fundamentalmente ao apoio cubano, o MPLA pulveriza a FNLA e força a UNITA a recuar para o mato. Holden Roberto reorganiza a sua vida entre Paris e Kinshasa; Savimbi, porém, não desiste. Os primeiros meses depois do desastre são muito difíceis. Os guerrilheiros da UNITA, uma escassa meia centena de homens esfarrapados, bebem a água dos pântanos e comem raízes; dormem de dia, escondidos em buracos, e quando a noite desce avançam aos tombos, imitando o canto das cigarras e dos pássaros para comunicar entre os diferentes grupos. Mas pouco a pouco Savimbi reconstrói o seu movimento e, com o apoio sul-africano, transforma-o num dos mais fortes e bem organizados exércitos de guerrilha de toda a história de África.

Nos quinze anos que se seguem, até à assinatura dos Acordos de Bicesse, a componente etno-cultural da guerra vai desempenhar um papel cada vez mais importante. Nos documentos internos da UNITA tornam-se comuns os ataques aos «mulatos do MPLA», conceito que parece abranger não apenas os indivíduos biologicamente mestiços, mas todo o grupo crioulo. José Eduardo dos Santos e muitos dos altos funcionários da Presidência da República são acusados de serem santomenses; esta acusação será repetida vezes sem conta durante a campanha eleitoral. O jornal *Terra Angolana*, controlado pelo movimento de Jonas Savimbi, faz eco de tal desvario, chegando a publicar artigos onde se investiga a genealogia dos dirigentes do MPLA até à terceira geração. No fundo, aquilo que esta campanha acaba por revelar é a incapacidade da UNITA em compreender e aceitar o fenómeno crioulo e, de uma forma mais geral, o modo de vida urbano.

Incapacidade que será fatal a Jonas Savimbi. Em 31 de Maio de 1991, data de assinatura dos Acordos de Bicesse, o MPLA era um movimento esgotado. Anos e anos de violência totalitária e péssima governação tinham erodido a base de descontentamento. As muitas dissidências do MPLA, até então reduzidas ao silêncio, começam a organizar-se politicamente. O primeiro sinal desta regeneração da sociedade civil é o aparecimento da Associação Cívica Angolana (ACA). Legalmente reconhecida a 31 de Janeiro de 1991, depois de quase um ano de existência semiclandestina, a ACA teve como primeiro presidente Joaquim Pinto de Andrade, um nome histórico do nacionalismo angolano. Em torno desta estrutura, que a si própria se definia como «organização

de intervenção pública para o desenvolvimento cultural e social e promoção dos direitos cívicos dos cidadãos», juntam-se dissidentes do MPLA, ex-militantes da extrema esquerda e jovens quadros que, até à data, nunca haviam desenvolvido actividade política relevante. Destacava-se o núcleo de antigos dirigentes da Organização Comunista de Angola (OCA), uma estrutura de inspiração albanesa criada pouco antes da independência.

### **O falhanço da terceira força**

Com a abertura política verificada na sequência dos Acordos de Bicesse assistiu-se em Luanda a uma multiplicação de partidos políticos. O papel da ACA esvaziou-se e uma parte dos seus dirigentes, os antigos militantes da OCA, criam a Frente para a Democracia (FpD). Joaquim Pinto de Andrade e um outro grupo de quadros, na sua maior parte ligados à antiga Revolta Activa - uma dissidência de intelectuais do MPLA, ocorrida em 1974 -, integram-se no Partido Renovador Democrático (PRD). O núcleo fundador do PRD agrupava sobreviventes de uma dissidência radical do MPLA, liderada por um mítico nome da guerrilha, Nito Alves, acusado de ter comandado, no dia 27 de Maio de 1977, um levantamento armado contra o governo de Agostinho Neto. Nito Alves foi preso e sumariamente fuzilado; a furiosa repressão que se seguiu aos acontecimentos de Maio não atingiu apenas os seguidores de Nito Alves - reduziu a nada toda a oposição de esquerda ao MPLA.

Minada por uma desconfiança mútua — é preciso não esquecer que, em 1976, tinham sido os homens de Nito Alves, instalados nas estruturas repressivas, a prender a Revolta Activa -, a aliança entre o grupo de Joaquim Pinto de Andrade e o PRD não durou muito tempo. A FpD, em contrapartida, conseguiu estabelecer uma plataforma de entendimento com uma série de pequenos partidos dando origem à coligação Angola Democrática (AD). A AD, o PRD e o grupo de Joaquim Pinto de Andrade dispunham de um grande número de quadros e juntos podiam ter conseguido formar uma terceira força, capaz de arrancar votos ao MPLA e obter um número significativo de lugares no parlamento. Porém, essa esperada terceira força nunca chegou a formar-se.

### **Os grandes erros de Jonas Savimbi**

Alguns meses antes de se iniciar a campanha eleitoral, em Setembro de 1992, a maioria dos observadores acreditava na vitória da UNITA. Foi então que Jonas Savimbi entrou em Luanda e começou a cometer erros; cometeu todos os erros possíveis:

- O poeta benguelense Ernesto Lara Filho, falecido em 1977, costumava dizer que a diferença entre um civil e um militar é que o civil pode militarizar-se, mas um militar é incapaz de se civilizar. O exemplo de Jonas Savimbi dá força a esta ideia. Efectivamente, o líder da UNITA

revelou-se incapaz de adaptar o seu movimento à luta política; ao invés disso, tentou transpor para o asfalto o modelo totalitário da Jamba. Obcecado com o controlo do poder, afastou ou eliminou fisicamente quase todos os dirigentes com capacidade de elaborar estratégias. Quando a UNITA chegou à campanha eleitoral era já um movimento acéfalo, onde um único homem decidia tudo.

- Sendo a UNITA um movimento de base étnica, com um eleitorado seguro no centro-sul, parecia óbvio que a estratégia devia ser seduzir as populações do norte e, em particular, das zonas urbanas. Uma aliança com o PRD ou a AD teria permitido à UNITA penetrar no eleitorado urbano; além disso, passaria a dispor de um grande número de quadros de alto nível. Para melhor compreender a carência de quadros que sempre caracterizou a UNITA basta um apontamento curioso: quando Savimbi decidiu fazer uma inspeção ao sistema informático da Comissão Nacional Eleitoral teve de pedir «emprestado» um perito à AD. Entre os seus simpatizantes e militantes não havia um único técnico informático!

- Mas a aversão de Savimbi ao grupo crioulo é antiga e demasiado funda, e assim optou pelo estabelecimento de acordos com três pequenos partidos de base quicongo, os chamados «partidos dos zairenses», por serem dirigidos por angolanos criados na vizinha República do Zaire. Partidos que, como os resultados eleitorais demonstraram, não representam sequer a numerosa comunidade de angolanos de língua francesa. Significativamente, foi deste sector que partiram os ataques mais violentos ao grupo crioulo.

Nos comícios e em diversas declarações públicas, Jonas Savimbi hostilizou as populações urbanas, ignorou os quadros e conseguiu a unânime antipatia das antigas e influentes famílias crioulas ao colocar repetidamente em causa a angolidade de José Eduardo dos Santos e dos seus principais colaboradores. O desprezo do dirigente da UNITA pela sociedade urbana levou-o mesmo a subestimar a importância da televisão. Enquanto o MPLA despendia somas enormes na contratação de uma excelente equipa brasileira, a PROPEG, especializada na organização de campanhas eleitorais, Savimbi defendia no interior do seu partido que o importante era levantar as populações rurais e para isso não era necessário recorrer à televisão.

- Numa altura em que todo o povo ansiava pelo estabelecimento de um verdadeiro clima de paz, Savimbi escolheu uma postura agressiva e um discurso belicista. Nos comícios apareceu fardado, de pistola no coldre. Nas cidades, os seus homens circulavam sempre em grupo e fortemente armados.

Em resumo, Jonas Malheiro Savimbi revelou-se o melhor aliado do MPLA. Como dizia uma advogada luandense, «nós pensávamos que muitos dos horrores que se contavam acerca de Savimbi eram mentiras postas a correr pelo governo. Afinal descobrimos que ele era ainda pior do que o pior que se dizia dele». Em pouco tempo tornou-se claro que a UNITA não era já a importante força nacional de origem camponesa que muita

gente acreditara poder constituir uma alternativa ao MPLA. A esmagadora maioria dos ovimbundus votaram na UNITA porque, mesmo temendo Savimbi, sentiam que ele encarnava toda a sua revolta: a imensa revolta de um povo humilhado e desprezado durante décadas e décadas, antes e depois da independência. O resto dos angolanos preferiu dar o seu voto ao MPLA. Não por acreditarem no partido de José Eduardo dos Santos, mas porque queriam parar Jonas Savimbi.

### **A razão étnica**

Os resultados das primeiras eleições angolanas demonstram bem a importância do voto étnico. O mapa de distribuição dos votos obtidos pela UNITA acompanha quase ponto por ponto as áreas de concentração de ovimbundus. Huambo, Benguela — a província, não a cidade — e o Bié votaram massivamente no movimento de Jonas Savimbi; em Luanda, os números obtidos correspondem aos refugiados do Sul; no Namibe coincidem sensivelmente com o da pequena comunidade de pescadores de língua umbundu. Um pouco por todo o país representam a diáspora ovimbundu.

O terceiro partido mais votado, o Partido Renovador Social (PRS), deixou toda a gente de boca aberta. Durante a campanha eleitoral poucos observadores tinham reparado neste partido assumidamente étnico, que ocupou os seus tempos de antena com longos discursos em língua tchoquê. O PRS conseguiu a maior parte dos seus votos, que lhe permitiram ocupar cinco lugares no parlamento, na zona nordeste do país, de maioria tchoquê. Os tchoquês, um dos raros povos angolanos que não sofreram com o tráfico de escravos, mantiveram sempre uma postura de grande independência face a todos os poderes e com a abertura democrática depressa se organizaram em estruturas de inspiração nacionalista. Acredita-se que, no parlamento, o PRS irá apoiar o MPLA em todas as questões, excepto no que respeita à administração das províncias Lunda-Norte, Lunda-Sul e Moxico; em particular, espera-se que o PRS venha a defender posições muito próprias relativamente à exploração de diamantes, a segunda maior fonte de rendimentos do país.

A FNLA não conseguiu conquistar eleitores para além da sua fronteira étnica, obtendo a larga maioria dos seus votos na província do Zaire. Embora penalizada no Uíge, que nunca perdoou a Holden Roberto o abandono dos seus principais comandantes de guerrilha, a FNLA somou votos em todas as áreas de concentração de populações de língua quicongo.

O MPLA afirmou-se como o único partido verdadeiramente nacional, obtendo votos em todo o território. Mas, mesmo neste caso, a componente étnica teve um papel muito importante: a quase totalidade dos angolanos do grupo crioulo, juntamente com os de língua materna quimbundu, votaram no MPLA; fizeram-no, de uma forma geral, não por acreditarem



que o partido de José Eduardo dos Santos viesse a governar melhor, mas por recearem a UNITA.

As eleições angolanas revelaram, por outro lado, um fundo sentimento popular de rejeição da guerra. A generalidade dos observadores internacionais testemunhou o extraordinário civismo com que os angolanos assumiram o acto eleitoral. Muitas pessoas permaneceram sete, oito e nove horas debaixo de um sol intenso, esperando a vez para depositar o seu voto. O ambiente era de tolerância e cordialidade. Em muitas assembleias fizeram-se espontaneamente três filas, de forma a facilitar o acesso às urnas das grávidas e idosos. Vários homens e mulheres entrevistados pelos órgãos de comunicação social recusaram revelar em quem tinham votado, mas deixaram claro o motivo porque estavam ali: «Estamos aqui para que não haja mais guerra».

### **Savimbi erra de novo**

Porém, o espectro da guerra voltou a assombrar os angolanos apenas três dias depois, quando os primeiros resultados divulgados pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), apontavam já para uma significativa vitória do MPLA. Isolado no seu «bunker», no elegante bairro do Miramar, em Luanda, Jonas Savimbi divulgou através da rádio da UNITA, a VORGAN, uma mensagem extremamente dura: «O MPLA está a mentir – disse. – Em todas as províncias quem está à frente, tanto nas legislativas, como nas presidenciais, é a UNITA». Na mesma altura, Savimbi garantiu ter provas de fraudes, roubo de votos e violação de urnas. E possível que o líder da UNITA estivesse convencido daquilo que dizia. Em primeiro lugar porque os resultados parciais divulgados pelos, assim chamados, Meios de Difusão Massiva (MDM), controlados pelo governo, distorciam de facto a realidade; durante dias a fio os MDM divulgaram resultados favoráveis ao MPLA, mesmo naquelas regiões onde a UNITA tinha o essencial da sua base de apoio. Na província de Luanda, os MDM «ocultaram» propositadamente os milhares de votos da comunidade ovimbundu; se o objectivo era enervar a UNITA, isso foi conseguido. Por outro lado, tudo leva a crer que certos responsáveis da UNITA tenham feito chegar a Jonas Savimbi estimativas excessivamente optimistas em relação aos resultados finais. Ao analisar a discrepância entre os números dos MDM e estas estimativas, Savimbi terá perdido a cabeça. A obstinação do líder ovimbundu em não aceitar os resultados eleitorais, bem como a multiplicação de actos de violência um pouco por todo o território nacional, envolvendo tropas da UNITA, foram habilmente explorados pelos MDM, criando-se na região de Luanda um clima de aberta hostilidade em relação aos homens de Savimbi. Na última semana de Outubro, a própria polícia e elementos ligados ao oficialmente extinto Ministério da Segurança de Estado (MINSE), começaram a distribuir centenas e centenas de armas a civis próximos do regime. No dia 1 de Novembro, Luanda explodiu: a polícia, juntamente com civis armados,

enquadrados por elementos do «extinto» MINSE, atacaram a sede, os comités-piloto da UNITA e os hotéis e casas onde se encontravam abrigados os homens de Savimbi. Em menos de três dias a UNITA perdeu o essencial da sua estrutura política e alguns dos seus mais importantes quadros militares. Entre as vítimas do massacre destacam-se os nomes de Salupeto Pena, sobrinho de Savimbi e seu herdeiro político segundo a tradição bantu, e Jeremias Chitunda, engenheiro formado nas universidades americanas e um dos raros intelectuais de que a UNITA dispunha.

O mais impressionante, quando se analisa o desastre de Luanda, é a facilidade com que a UNITA se deixou massacrar. Como é que Jonas Savimbi se atreveu a desencadear uma série de acções armadas, no Huambo, Luanda e noutras regiões de Angola, tendo na boca do lobo o seu «príncipe herdeiro», o essencial da sua estrutura política e muitos dos seus mais notáveis estratégias e heróis militares? E como se explica que não tivesse montado um sistema de protecção aos seus dirigentes? Convém não esquecer que existem em Luanda meio milhão de refugiados ovimbundus; extensos e intrincados musseques, como o Quicolo, onde o apoio a Jonas Savimbi é esmagador, poderiam ter servido de refúgio eficaz para os homens da UNITA.

Não é fácil responder a estas questões. Provavelmente, Jonas Savimbi subestimou a capacidade de reacção do MPLA, convicto de que fragilizado por anos de guerra e má administração e sem apoio internacional, o regime não seria capaz de contra-atacar. E pode ser que as razões sejam outras: razões que a razão desconhece.

O certo é que aqueles três dias de loucura foram fatais para a UNITA; e também para o MPLA. O desaparecimento dos principais militares e dirigentes da UNITA, com relevo para a sua «fracção pensante», tendem a «renamizar» o movimento. Ao matar homens como Jeremias Chitunda, Salupeto Pena ou Alicerces Mango, o MPLA perdeu interlocutores e deixou sem comando centenas de guerrilheiros. Pior do que isso, aprofundou ainda mais o fosso que já separava os homens da cidade do povo ovimbundu.

O próprio Jonas Savimbi chamou a atenção para este aspecto, em declarações ao jornalista Costa Ribas, da *Voz da América*, difundidas no dia 16 de Novembro: «Aquilo em Luanda foi tão grave que nunca mais se vai esquecer. [...] O 27 de Maio foi entre quimbundus e quimbundus. Mas o 1 de Novembro foi entre quimbundus e povos do norte e do sul, não é fácil apagar isso. Isso vai durar muitos anos».

O que vai acontecer a Angola? Todos os cenários são sombrios. Algumas das últimas atitudes tomadas por Jonas Savimbi – como recentes declarações a respeito dos intelectuais do seu movimento presos em Luanda, os quais, segundo ele, «não valem nada. [...] São uma porcaria» – deixam a amarga impressão de que o dirigente da UNITA não está já a lutar pelo poder: está a lutar apenas para que o MPLA não possa usufruir desse poder.



O MPLA, por outro lado, não parece capaz de enfrentar a UNITA num quadro democrático. O novo governo angolano, com Marcolino Moco como «primeiro-ministro de fachada», favorece claramente a ala totalitária e belicista do regime. O mais provável, desgraçadamente, é que Angola caia de novo na guerra civil, uma guerra cada vez mais miserável, irracional e sem esperança.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1992.

## **NOTAS**

---

<sup>1</sup> Declarações de Jonas Savimbi a Fred Bridgland, Jonas Savimbi — Uma Chave para África, Editora Perspectivas & Realidades, Lisboa, 1988.